



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JAQUELINE HOSCHARUCK

**EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:
O EU, O OUTRO E O NÓS.**

**ERECHIM
2016**

JAQUELINE HOSCHARUCK

**EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:
O EU, O OUTRO E O NÓS.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul –
Campus Erechim.

Orientadora: Prof. Me. Sylvania Regina
Pellenz Irgang

**ERECHIM
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

RS 135, km 72

CEP: 99700-000

Erechim – RS Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Hoscharuck, Jaqueline

Educação Infantil e as relações étnico-raciais: o eu, o outro e o nós/ Jaqueline Hoscharuck. -- 2016. 59 f.:il.

Orientador: Silvania Regina Pellenz Irgang..
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
PEDAGOGIA , Erechim, RS , 2016.

1. EDUCAÇÃO INFANTIL. 2. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. 3. ESTÁGIO CURRICULAR. I. Irgang., Silvania Regina Pellenz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JAQUELINE HOSCHARUCK

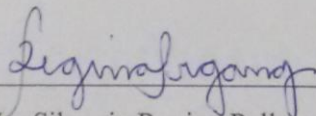
EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: O EU, O
OUTRO E O NÓS.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

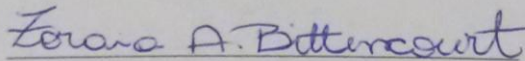
Orientadora: Prof. Me. Sylvania Regina Pellenz Irgang.

Aprovado em: 15/12/2016

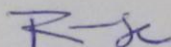
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Me. Sylvania Regina Pellenz Irgang – UFFS



Prof.^a. Me. Zoraia de Aguiar Bittencourt – UFFS



Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS

Dedico aos meus pais, meu irmão
e minha irmã, que são minha base
maior.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado me dando todo o apoio e incentivo necessário e, além de tudo, compreendendo minha ausência por alguns finais de semana em casa.

Ao meu irmão, que nos momentos de estresse diário soube contornar a situação e me deu ainda mais incentivo para continuar.

À minha irmã, que, mesmo de longe, sempre esteve torcendo pela minha conquista.

Ao Professor Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho, que me orientou durante o desenvolvimento do projeto e que, durante toda a minha graduação, foi minha fonte maior de inspiração. Obrigada pela orientação, dedicação e por tudo que me ensinaste.

À minha orientadora, Professora Me. Silvania Regina Pellenz Irgang, que, com sua coragem e determinação, assumiu a orientação no meio do caminho e não mediu esforços para me ajudar, buscar materiais e me dar todo o suporte necessário para concluir a minha pesquisa. Obrigada pela orientação, atenção, dedicação e amizade. Levarei sempre comigo.

À banca examinadora, que aceitou ler o trabalho e contribuir mais uma vez com minha formação profissional.

Aos meus grandes amigos, que compartilharam dia após dia a elaboração desse trabalho e sempre me deram total apoio e incentivo. Compreenderam minha ausência em muitos momentos e, mesmo assim, continuaram me incentivando.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento desse estudo, acreditando em mim com gestos, recados e palavras de incentivo, só tenho a dizer o meu muito obrigado.

RESUMO

Trabalhar as relações étnico-raciais na escola é de suma importância, pois é na infância que a criança constitui a sua identidade. Por isso, o presente trabalho busca investigar de que maneira a escola de Educação Infantil aborda a questão das relações étnico-raciais com as crianças, analisando como o professor lida com situações de preconceito e como as crianças reagem diante do diferente. O interesse dessas questões partiram de observações realizadas na escola em que realizei o estágio curricular para Educação Infantil e que presenciei situações de preconceito durante a rotina escolar. Percebi que os professores tinham dificuldades em trabalhar o tema, faltando-lhes formação e conhecimento sobre o tema. A pesquisa de cunho qualitativo teve na literatura infantil, na abordagem teórica e na prática de estágio o método de pesquisa. Essa escolha me oportunizou desenvolver hipóteses e construir possibilidades de trabalho e reflexões acerca das relações étnico-raciais no âmbito da Educação Infantil. As práticas realizadas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, realizado no ano de 2015, foi o campo de atuação da pesquisa e o estudo se desenvolveu com quatorze crianças entre dois e três anos de idade. Durante o processo, foi possível verificar que as relações étnico-raciais são vivenciadas pelas crianças desde pequenas e que as mesmas já trazem consigo uma imagem negativa formada sobre os negros, seja na escolha dos brinquedos, nas brincadeiras ou no faz-de-conta. As crianças não encontram na escola um tempo e espaço para (re)pensar sobre a identidade do negro, sua cultura e o respeito às diferenças. Com isso, as propostas durante o estágio curricular foram desenvolvidas como possibilidades de práticas pedagógicas que contemplem esses elementos constitutivos do eu, do outro e do nós, em um processo de experiências, de escuta e de relações respeitadas entre as crianças, seus pares e os adultos. Considerando os resultados, é importante a elaboração de estratégias pedagógicas que contemplem a identidade da criança negra no âmbito escolar, trazendo também para a roda de conversa as relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Educação Infantil. Relações étnico-raciais. Estágio curricular.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Criança observando bonecas.....	11
Ilustração 2 – Crianças brincando de boneca.....	15
Ilustração 3 – Capa do livro A Bonequinha Preta.....	30
Ilustração 4 - Capa do livro As tranças de Bintou.....	31
Ilustração 5 - Capa do livro Bruna e a Galinha D'angola.....	31
Ilustração 6 - Capa do livro Chuva de Manga.....	32
Ilustração 7 - Capa do livro Obax.....	33
Ilustração 8 - Capa do livro O cabelo de Lelê.....	33
Ilustração 9 – Contação de história.....	41
Ilustração 10 – Registro produzido por uma criança.....	42
Ilustração 11 – Meninas protagonistas das histórias.....	42
Ilustração 12 – Crianças acariciando o cabelo umas das outras.....	44
Ilustração 13 – Criança acariciando cabelo cacheado.....	45
Ilustração 14 – Galinha d'angola.....	46
Ilustração 15 – Modelagem com argila.....	46
Ilustração 16 – Pintura da modelagem.....	48
Ilustração 17 – Procurando imagens em revistas.....	49
Ilustração 18 – Cartolina com imagens encontradas.....	50
Ilustração 19 – Bonecas disponibilizadas para brincar.....	51
Ilustração 20 – Crianças brincando com boneca negra.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Livros utilizados na pesquisa bibliográfica.....	25
Tabela 2 – Revista utilizada na pesquisa bibliográfica.....	28
Tabela 3 – Artigo científico utilizado na pesquisa bibliográfica.....	28
Tabela 3 – Resoluções, leis e materiais produzidos pelo governo utilizados na pesquisa bibliográfica.....	29

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
	2.1 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL .	15
	2.2 DIRETRIZES LEGAIS E PROPOSTAS PARA DISCUSSÃO DA TEMÁTICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
	2.3 LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS .	20
3	METODOLOGIA.....	25
	3.1 CAMINHO INVESTIGATIVO DA PESQUISA	25
	3.2 LIVROS UTILIZADOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	30
	3.3 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ANÁLISE DA PRÁTICA NA ABORDAGEM DO TEMA.....	34
4	AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ANALISANDO A ABORDAGEM DO EU, DO OUTRO E DO NÓS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	36
	4.1 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: O QUE A EDUCAÇÃO INFANTIL ESTÁ ENSINANDO SOBRE O ASSUNTO?.....	37
	4.2 COM A MÃO NA MASSA: PRÁTICAS DESENVOLVIDAS COM AS CRIANÇAS	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6	REFERÊNCIAS	56

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ilustração 1 – Criança observando bonecas



Fonte: Experimento (2014)

As relações étnico-raciais estão presentes na escola de Educação Infantil, porém acabam sendo pouco enfatizadas e trabalhadas, o que acaba ajudando a gerar práticas discriminatórias que são produzidas e reproduzidas dentro da escola.

A imagem acima faz parte de um vídeo no qual as crianças são questionadas sobre qual das bonecas é a mais bonita, qual delas a criança gosta mais, qual delas é má, qual delas se parece com as crianças. A criança que aparece na imagem é uma das que mais chama atenção no vídeo, pois, quando questionada sobre as bonecas, apresenta uma resposta pautada no que realmente ela acredita ser o correto.

“- Qual boneca você gosta mais?

- Branco. Porque seus olhos são bonitos e sua raça também” (EXPERIMENTO... 2014)

A partir da resposta da menina, podemos perceber que ela tem claro em sua mente que a raça branca é a mais bonita, mesmo ela não sendo branca, pois isto é evidenciado no dia a dia nas escolas a partir das práticas que são reproduzidas em sala de aula.

As escolas no Brasil, de modo geral, não abordam em seu currículo, muito menos em sala de aula, questões relacionadas aos negros. A escola acaba sempre trabalhando um currículo “embranquecido” e esquecendo que a maioria da população que habita nosso país é negra. Abramowicz et al. (2006) apresentam que a escola tem sido apresentada, de um modo geral, nas pesquisas sobre as questões raciais, como base conservadora e excludente ao se pautar em um modelo de currículo que poderíamos denominar “embranquecido” diante da ausência de conteúdos que possam contribuir para a integração e o reconhecimento dos alunos negros.

Trabalhar as questões raciais em sala de aula é de suma importância, pois é na infância que a criança constitui a sua identidade. Sendo assim, de que forma ela constituirá sua identidade se a criança não se vê nas práticas desenvolvidas em sala de aula? Pois, geralmente as escolas não possuem, por exemplo, bonecas, fantoches, personagens negros ou livros que abordem esse tema.

Em sala de aula o professor acaba não sabendo lidar com esse tema, que por isso, é sempre deixado de lado, fazendo se passar por despercebido aos olhos do professor. E os motivos são diversos para a falta dessas práticas escolares, pois o professor, muitas vezes, não tem formação suficiente para tratar tal tema ou até mesmo sua formação o deu a noção de que existe aluno “ideal”, ou seja, não existe diferença em sala de aula. Por esse motivo os alunos negros não se veem nos conteúdos abordados em sala de aula. E isso acaba gerando uma prática discriminatória. Abramowicz et al. (2006) relatam que, quando uma criança negra queixa-se do sofrimento ocasionado por ter tal cor de pele, a razão de ser considerada diferente, quase sempre ouve do professor um “deixe pra lá” ou um “não se importe”. Ou seja, quase sempre o professor silencia, omite-se, tentando ocultar um problema tão patente em seu cotidiano.

É necessário trabalhar a discussão da diversidade já na infância. Se a criança não vivenciar um processo de reflexão desde cedo sobre as diferenças que cada um carrega em si, dificilmente romperá com os preconceitos presentes em seu meio e tenderá a repetir os padrões de discriminação que aprender. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo educador, independente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política.

Assim, diante do desafio de trabalhar a diversidade sociocultural e as desigualdades étnico-raciais dentro da sala de aula, surgem alguns questionamentos quanto à maneira como

a questão é tratada, em que medida os educadores têm contribuído para a afirmação ou negação das identidades étnico-raciais e concomitantemente para a superação ou legitimação dos preconceitos e discriminações, e, por fim, como a Lei 10639/2003 é cumprida no cotidiano escolar.

A escola enquanto ambiente sócio-histórico-cultural de promoção e reprodução sistemática e organizada da aprendizagem dos conhecimentos humanos acumulados historicamente, além de contribuir para a apropriação destes saberes, também promove a socialização e a interação entre os sujeitos, propiciando assim a construção do sentido de humanidade pelos mesmos. (BOCK, 2001, p.26).

Desse modo, acreditando que nas escolas de Educação Infantil as relações étnico-raciais não são abordadas com as crianças, com a justificativa de não saber como desenvolver esse tema ou de como isso chegará às famílias que não concordam com esse tipo de abordagem na escola, desprezando a reflexão dessas relações no currículo escolar, busco investigar de que modo se pode abordar a questão das relações étnico-raciais com as crianças por meio da literatura infantil.

A literatura infantil é o núcleo do processo de mudanças sociais e tem ligações diretas com a escola, o que levou Zilberman (2003, p. 44) a afirmar que “a literatura infantil é primeiramente um problema pedagógico, e não literário”. Apesar de suas vinculações pedagógicas, a literatura infantil pode oferecer à criança a percepção de aspectos literários e artísticos que desenvolvem a sensibilidade do leitor infantil e sua imaginação.

Relacionando a afirmação de Lajolo e Zilberman (1988, p. 19) de que “o tipo de representação a que os livros procedem [...] deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo”, com o resultado de pesquisas que evidenciam que os livros infantis continuam veiculando conteúdos racistas (ESCANFELLA, 2007), e considerando o literário enquanto documento histórico susceptível de análise de uma sociedade, a Literatura Infantil configura-se em campo fértil de pesquisas que, explicitando o racismo ainda existente, possam contribuir na criação de outras frentes de enfrentamento do racismo.

A literatura infantil contemporânea tem evidenciado uma preocupação cada vez maior em apresentar uma identidade cultural que expresse as relações de inclusão social. É neste novo contexto que a literatura negra se insere, incluindo um novo discurso na literatura brasileira.

Sabemos que esse material de literatura infantil negra tem chegado nas escolas, mas será que os professores têm utilizado esse material? Sabem como utilizá-lo? Percebem a importância da abordagem desse tema em sala de aula? Como são as práticas diárias dos professores? Qual sua postura perante uma situação de discriminação? Como as crianças reagem diante do diferente? O que elas pensam sobre os negros? São essas e outras perguntas que tentarei responder ao longo da minha escrita, evidenciando de que forma tudo isso é encontrado e abordado na escola de Educação Infantil.

No decorrer, apresento as relações étnico-raciais presentes na escola de Educação Infantil, as Diretrizes legais, a Literatura Infantil para a educação das relações étnico-raciais e a análise de práticas desenvolvidas com as crianças na discussão da temática das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ilustração 2 – Crianças brincando de boneca.



Fonte: Google Imagens

O cotidiano escolar é um espaço de convivência entre as pessoas, possibilitando a interação das crianças, jovens e adultos. Dessa forma, a escola produz um espaço que reproduz as diferentes formas de relações presentes na sociedade, tornando-se, assim, um espaço favorável à abordagem das questões raciais. Sendo assim, a escola pode tornar-se um local de disseminação de preconceitos ou um local para se superar preconceitos.

De acordo com Gomes (2003), a escola é responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, o que acaba incluindo a disseminação de preconceitos. Entretanto, a autora considera que a escola também pode ser um local onde as representações possam ser superadas.

Porém, o que geralmente a escola apresenta é uma base conservadora e excludente, apresentando um modelo de currículo “embranquecido”, pois não aparecem em seu currículo conteúdos em que as crianças negras sejam contempladas.

Além disso, a criança negra não encontra no professor um exemplo a ser seguido, pois o próprio professor desconhece a história, a cultura do povo negro; sendo assim, na sala de aula não se discute a questão racial, o que acaba gerando ainda mais preconceito, e o aluno sente-se excluído. Esses fatores que acabam influenciando no rendimento escolar do aluno, pois, pelo fato de ser negro, pela sua condição socioeconômica, já o consideram mais fraco e com probabilidade de reprovação.

Assim, as autoras Silva e Barros (1997, p.39) concluíram que o preconceito e a discriminação, ainda que de forma escamoteada, são muito presentes na escola e, esta instituição, apesar de utilizar o discurso da igualdade, não respeita as diferenças e, diante disso, as crianças negras, para obter sucesso na escola, precisam “branquear-se”.

Dessa forma, pode-se perceber que na escola o professor tenta ensinar a criança negra a não se aceitar da sua cor da pele, estimulando a não querer ser negra, e sim tentar se adaptar à imagem do branco.

Nessa perspectiva, Silva (2000, p.16) concebe: “a ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores tidos como bons e perfeitos”.

Os adultos geralmente apresentam silêncio quando o assunto se trata das questões raciais ocorridas na relação diária com as crianças e também acabam utilizando práticas cotidianas que podem até mesmo reforçar o racismo.

Dessa forma, a socialização que se inicia na família e tem continuidade no convívio escolar, em vez de ser uma experiência positiva no desenvolvimento da criança negra, acaba sendo um fator negativo na constituição de sua autoimagem. Assim, a questão racial nas diversas instituições favorece que se entenda a diferença como desigualdade.

Diante disso, Silva P. B. G. e Monteiro (2000; p.85) sugerem que as questões raciais devem receber um tratamento explícito utilizando o diálogo como principal método didático, questionando o cotidiano escolar e combatendo as discriminações como sendo parte integrante do currículo.

As instituições de Educação Infantil constituem espaços de encontros de diferentes identidades, gêneros, subjetividades, etnias e corporeidades. Nesses contextos, meninos e meninas de pouca idade participam de um conjunto de interações sociais, nas quais se

identificam como parte da realidade e, de acordo com a maneira como são tratadas, interiorizam uma autoimagem que influencia a construção de suas identidades. Levando em consideração que os espaços formais de educação das crianças pequenas envolvem múltiplas dimensões, torna-se essencial conhecer como a dimensão étnico-racial aparece nas relações entre pares e com os adultos.

Desde a Educação Infantil, se faz necessária à compreensão de que o preconceito com os negros não pode existir, pois é nessa fase que a criança forma sua identidade, começa a reconhecer-se e por isso faz se necessária uma prática que envolva todas as crianças, mostrando suas diferenças, mas que todos possam perceber que devem ser tratados da mesma maneira, respeitando essas diferenças. Se isso não acontece, a criança acaba não se reconhecendo e tendo a imagem do outro como a perfeita, assim, tentando se igualar a ele, passando a sofrer preconceito e ter preconceito contra si próprio.

As crianças negras acabam criando, dessa forma, uma imagem negativa sobre si e uma imagem positiva sobre os brancos, o que acaba gerando um sentimento de superioridade nos brancos e propiciando atitudes preconceituosas.

Oliveira (1998) apresenta como proposta de desenvolvimento do trabalho pedagógico, o tratamento igualitário, a chamada participação e a expressão, pelo professor, de credibilidade no desempenho desta criança, como sendo o melhor estímulo pedagógico. E também a postura do professor não admitindo brincadeiras pejorativas com relação à origem racial dos alunos.

Somente a partir da postura tomada pelo professor é que os demais alunos perceberão que não pode existir preconceito racial em momento algum na escola e fora dela também, mas, para isso, é necessário que o professor adote uma prática não discriminatória, tendo conhecimento sobre a história e cultura dos negros e sabendo o porquê que os negros sofrem discriminação ao longo dos tempos. Adotando, assim, uma prática igualitária com seus alunos.

Somente dessa forma será possível haver mudanças no cotidiano escolar e que, posteriormente, segue para fora da instituição escolar, formando, assim, seres capazes de compreender a real importância dos negros na nossa história.

Nesta direção, percebe-se a importância de falar sobre esse assunto em sala de aula, pois é o silêncio e a omissão que acabam gerando a discriminação. Simplesmente não falar, substituir um conceito não vai mudar uma realidade social.

A seguir, apresento as diretrizes legais e propostas para a discussão da temática das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

2.2 DIRETRIZES LEGAIS E PROPOSTAS PARA DISCUSSÃO DA TEMÁTICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O racismo, ao longo dos séculos, tem criado estratégias para manter os negros brasileiros à margem dos direitos devidos a todos os cidadãos, sobretudo os negros que se reconhecem descendentes de africanos, que se negam deixar assimilar por ideias e conhecimentos depreciativos de tudo que vem da sabedoria construída a partir de suas raízes. Infelizmente, pessoas e instituições ignorantes das civilizações e culturas africanas continuam fomentando e renovando atitudes, posturas racistas e desigualdades entre negros e não-negros. Sendo assim, foi necessário que se estabelecesse uma política pública com o intuito de corrigir disparidades, começando por garantir a todos os brasileiros igual direito à sua história e à cultura.

A partir de 1990, a discussão de questões da diversidade étnica e cultural em nosso país é disseminada através dos movimentos sociais e através de pesquisas e linhas teóricas que chegam ao sistema de ensino. As diferentes vertentes problematizam e reivindicam da escola e do Estado um posicionamento político que contribua para a construção de uma sociedade democrática e justa.

Neste sentido, diversos documentos foram criados tendo em vista atender as demandas da sociedade brasileira por uma educação que privilegie a diversidade étnico-cultural, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), em 1998, cujo projeto admite primeiramente a existência de diferentes etnias e culturas, assim como as desigualdades injustas e discriminações, que encontram no ambiente escolar o espaço para a sua reprodução (BRASIL, 2012).

Os debates voltados à diversidade sociocultural e das questões étnico-raciais desenvolvidas pelos movimentos sociais, em especial o Movimento Negro, numa tentativa de reparar os danos sofridos pela população negra, foram criados no âmbito educacional estratégias de políticas públicas capazes de incluir as discussões sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Tais atitudes culminaram na criação, em janeiro de 2003, da Lei 10.639.

A referida determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação visa educar a todos os brasileiros e brasileiras para que conheçam, respeitem e valorizem uma das raízes fundadoras de sua cultura e nacionalidade, a africana. Obrigou-se a inserção, nos currículos oficiais da Rede de Ensino, da "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana" nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares. A prescrição da referida lei determina, ainda, a inclusão do dia 20 de novembro nos calendários escolares como o "Dia Nacional da Consciência Negra" (BRASIL, 2003).

A Lei Nº.10.639/03 constitui-se em elemento essencial no processo de construção/reconstrução, conhecimento/reconhecimento e valorização de diferentes perspectivas e compreensões concernentes a formação e às configurações da sociedade brasileira contemporânea, no sentido de desconstruir as significações e representações preconceituosas e racistas que tem se configurado nos conteúdos didáticos e no espaço da escola. (VALETIM e BACKES, 2007, p.3)

Para contribuir com essa determinação, foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) no sentido de reconhecer a identidade racial da população brasileira. Além disso, foram construídas "Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais" (2006), que apresentam uma discussão essencial acerca da diversidade étnico-racial, trazendo propostas de ações e estratégias pedagógicas possíveis de serem trabalhadas nos diferentes níveis da Educação Básica, inclusive na Educação Infantil.

Não se trata apenas de oferecer conteúdos "referentes à participação do negro para o desenvolvimento da sociedade brasileira". O Parecer CNE/CP3/2004 esclarece com precisão que a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana não visa tornar os brasileiros mais eruditos, mas reeducar as relações étnico-raciais a fim de que todos – descendentes de europeus, asiáticos, africanos e povos indígenas – valorizem a identidade, a cultura e a história dos negros que constituem o segmento mais desrespeitado da nossa sociedade (BRASIL, 2004).

Recentemente, as "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil" (2010) trazem concepções avançadas acerca da educação das crianças pequenas, compreendendo-as como um sujeito histórico, portador de direitos, que, nas "interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e

a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010, p. 12). Dentre as propostas pedagógicas privilegiadas nesse material, a diversidade étnico-racial ganha reconhecimento no que diz respeito à valorização da história e da cultura afro-brasileira e africana, bem como o combate ao racismo e à discriminação racial. Sendo assim, percebe-se a existência de documentos e propostas públicas e nacionais que contemplam a primeira etapa da Educação Básica, legitimando as instituições de Educação Infantil como espaços de valorização da identidade racial das diferentes meninas e meninos de pouca idade.

Porém, mesmo com a criação de diversas leis para com as relações étnico-raciais, ainda há muito para se mudar em sala de aula, pois, mesmo existindo leis que obriguem os professores a trabalhar sobre este tema, muitos fazem passar despercebido aos seus olhos e continuam trabalhando a História como antigamente. Uma história na qual os negros não tinham importância e valor perante a sociedade.

As leis existem para corrigir distorções, garantir direitos devidos a todos os cidadãos. É bom lembrar que, até a promulgação da Lei 10639/2003, em todos os níveis de educação se ensinava e divulgava unicamente a história dos eurodescendentes, a ponto de se ignorar a presença dos povos indígenas quando da chegada dos portugueses. O desejo da nação de reconhecer unicamente sua raiz europeia levou à repetição de que o Brasil foi descoberto pelos portugueses. Ainda há livros e professores repetindo esta versão (BRASIL, 2012).

Cabe a todos, inclusive aos professores, discutir a necessidade de um posicionamento político frente às questões étnico-raciais dentro do ambiente escolar, onde os preconceitos e discriminações se reproduzem, muitas vezes, de forma explícita, sem receber o tratamento devido. O que precisa ser mudada não é a imagem dos negros, mas a imagem negativa que a sociedade criou e fomenta como se fosse própria deles.

A seguir, apresento as contribuições da literatura infantil para a educação das relações étnico-raciais.

2.3 LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

O ato de ouvir e contar histórias estão, quase sempre, presentes nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meios das experiências concretas das quais participamos, mas

também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através do que os outros contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos e sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para através dessa prática, compartilhar (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.81).

Propiciar às crianças o contato concreto com o livro e com o ato de ouvir e contar história de uma forma prazerosa e agradável desde muito cedo é de suma importância.

A literatura é arte. Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão para, de algum modo, dar sentido à nossa existência. Se nós, na nossa prática cotidiana, deixarmos um espaço para que essa forma de manifestação artística nos conquiste, seremos, com certeza, mais plenos de sentidos, mais enriquecidos e felizes (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.81).

A literatura infantil contribui na iniciação da criança no mundo literário, podendo ser utilizada como instrumento para a sensibilização e contato com a arte, para a expansão do interesse de analisar o mundo e a cultura. Sendo portadora de uma pluralidade cultural, a literatura infantil tem a capacidade de alegrar, divertir, emocionar as crianças, e, ao mesmo tempo, apresentar a linguagem literária e a informação de maneira lúdica, provocando imaginação. Serra (1998, p. 93) fala que “o principal instrumento para que essa interação de pessoas, de experiências, de informações e de ficção aconteça é a palavra que, quando escrita, ganha força para multiplicar-se e perpetuar-se”.

A presença da literatura infantil na sala de aula e a mediação realizada pelo professor permitem à criança o prazer e a alegria, permitindo-lhe adentrar no mundo mágico da literatura e da imaginação. Explorando não só a contação do professor, é possível a criação de espaço para a criança contar, recontar e inventar histórias, dando sentidos e significados às experiências vivenciadas em seu cotidiano, proporcionando o exercício da linguagem oral, da invenção, como autores e criadores de sentidos e textos. Nesse exercício, a criança, que agora é ouvinte, posteriormente será o contador. Sisto (1991) reitera que “contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário. Vivemos, em nosso tempo, o império das imagens, quase sempre gerais, reprodutoras e sem individualidade”.

As creches e as pré-escolas devem ser cuidadosas ao escolher, adquirir e apresentar os materiais escritos para as crianças. Além da qualidade do texto e das ilustrações, é importante analisar os portadores de texto do ponto de vista da igualdade racial, especialmente, os livros de literatura infantil.

Nesse mesmo sentido, Silva Junior (2012) aponta algumas questões importantes a serem observadas durante a escolha dos livros de literatura infantil, tais questões são:

- Há pessoas negras que ocupam diversas posições sociais e profissionais, como médicos, professores, empresários etc.?
- As crianças negras encontram-se em posição de destaque de um modo positivo?
- A imagem de pessoas negras é apresentada de modo positivo e não pejorativamente?
- A população negra é apresentada como protagonista importante de fatos históricos e não apenas como escrava?

Se essas questões não forem levadas em consideração, as crianças negras acabam não se sentindo pertencentes às histórias abordadas pelos livros, o que acaba gerando o sentimento de inferioridade de sua cor.

As crianças estabelecem relações sempre muito próximas com os personagens das histórias, se identificam com os mesmos e almejam ser iguais ao personagem preferido, porém, é raro encontrar livros que transpareçam o real, que incluam o negro como personagem principal da história.

Em seu estudo Souza (2002) aponta que as crianças negras revelaram, muitas vezes, o desejo de serem brancas, de cabelo liso, querendo se comparar com os personagens das histórias infantis, reforçando a imagem que a criança negra faz de si, evidenciando a negação de sua condição racial. Em contrapartida, o educador infantil, segundo Souza (2002), se depara frequentemente com uma série de evidências das questões raciais e do preconceito, tendo ou não clareza delas, algumas vezes utilizando práticas do senso comum que podem, segundo a autora, até mesmo reforçar o racismo.

Por isso a importância do professor ter conhecimento sobre a história, cultura dos negros, para que, no momento em que essas questões surgirem, o professor saiba se posicionar e mostrar em sua prática diária o respeito e conhecimento para com os negros. Somente a partir da postura tomada pelo professor é que os alunos perceberão que tais atitudes não são mais admissíveis na sociedade em que vivemos.

Se o professor abordar esse tema utilizando livros com personagens negros, as crianças negras irão se sentir pertencentes à história, valorizadas culturalmente e, a partir daí, terão maior interesse em participar das aulas. Caso contrário, se o professor não levar em conta os personagens presentes nas histórias, terá grandes desigualdades em sala, pois, se partirmos para a análise dos livros de literatura infantil, perceberemos que, em sua maioria, os

personagens reproduzidos costumam ser loiros, de olhos e pele clara, e somente iremos perceber a presença dos personagens negros quando se trata de empregados, cozinheiras, ou seja, personagens subalternos.

Pode-se verificar, na literatura infantil e infanto-juvenil, uma manutenção hierárquica entre os grupos branco e negro, reforçando a ideia de que a branquidade é marca representativa de humanidade (SILVA, 2007).

Esse tipo de passagem acaba gerando na criança um sentimento de exclusão. Diante disso, a criança negra se sente o “outro”, o “diferente”, o “inferior”, fazendo com que não se identifique com o ambiente, os espaços e, muito menos com as pessoas.

Os livros de literatura infantil vêm desde os tempos antigos com essa característica, de apresentar sempre como personagens principais pessoas brancas, reproduzindo, assim, por gerações, uma padronização nos livros. Geram grande preconceito para com os negros, que, como sempre, acabam não aparecendo como protagonistas de histórias.

Nos títulos clássicos, por exemplo, citadas por Warner (1999), ela menciona que a representação da maioria das personagens centrais das histórias é loira. A percepção da cor do cabelo é um importante elemento do qual a cultura se vale para representar seus ideais e suas necessidades, transportando-as para suas produções culturais. Segundo a autora, “os cabelos loiros derramam-se pelas histórias em quantidades impossíveis” (WARNER, 1999, p. 404).

Essa desigualdade começou a mudar com o passar do tempo, porém os livros que abordam o tema das relações étnico-raciais ainda são muito escassos. E os que são indicados para a Educação Infantil, ainda assim, apresentam uma linguagem complexa e de difícil compreensão. Isso acaba dificultando o entendimento por parte das crianças. Assim como mostra a pesquisa de Araujo e Silva (2012),

dos livros dirigidos à faixa etária da pré-escola (4 a 5 anos) a maioria dos títulos necessitam de leitura por parte de adultos/os, não sendo possível à criança sequer uma tentativa de leitura, já que a utilização de fontes caixa-alta/caixa-baixa é constante. Nesse grupo, além de estar inadequadamente classificada para crianças pequenas, um dos títulos aparentemente a serviço do combate ao racismo apresentou enredo que reforçava estereótipos e não apontava formas de superação adequada da discriminação sofrida pela personagem principal.

Embora haja quantidade menor de produção literária infantil que traga personagens negros (seja em contextos de valorização ou não) em relação a brancos, houve aumento na produção literária brasileira preocupada em pautar a temática da diversidade étnico-racial.

No entanto, tal produção ainda mantém traços de estereotipia e traz formas de hierarquização entre brancos e negros.

No decorrer apresento o caminho investigativo da pesquisa, os livros utilizados na prática pedagógica e a análise da prática pedagógica voltada para as relações étnico-raciais.

3 METODOLOGIA

3.1 CAMINHO INVESTIGATIVO DA PESQUISA

O caminho percorrido através dos trabalhos de revisão bibliográfica tem um aspecto essencial para construção dos saberes sobre o objeto de pesquisa, produzindo, assim, aprendizagens que são capazes de contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico na área estudada e para as possíveis mudanças na prática. Desta forma, a produção do conhecimento não se caracteriza como um empreendimento isolado, ela é um uma construção coletiva da comunidade científica aliada a um processo contínuo de busca, procurando complementar ou contestar contribuições anteriormente dadas sobre o tema estudado (ALVES-MAZZOTTI, 2002).

Neste sentido, para a elaboração da presente pesquisa, foi necessário delimitar alguns caminhos, seguindo uma metodologia de trabalho que visasse reunir dados bibliográficos, baseados em livros e pesquisas sobre o tema. Como cita Alves-Mazzotti (2002), para que o pesquisador se situe no processo de pesquisa, é necessário que ele analise criticamente o estado atual do conhecimento sobre a área de interesse, fazendo leituras e estudando sobre o assunto. Por isso, a primeira etapa desse processo constitui-se pelo recolhimento de publicações acerca do assunto.

Após selecionar as obras, foi necessário fazer as leituras em busca de fundamentação e auxílio na escrita da pesquisa. Desta forma, as obras foram organizadas conforme a tabela a seguir.

Tabela 1: Livros utilizados na pesquisa bibliográfica

AUTOR	OBRA
Anete Abramowicz (2006)	Trabalhando a diferença na educação infantil
Anete Abramowicz Carolina de Paula Teles Duarte Cristina Teodoro Trinidad (2012).	Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais: A política educacional comprometida com a igualdade racial
Fanny Abramovich (1997)	Literatura Infantil: gostosuras e bobices
Marisa Lajolo Regina Zilberman (1988).	Literatura Infantil Brasileira. Histórias e Histórias

Y. C. de Souza (2002).	Crianças negras: deixei meu coração embaixo da carteira
P. B. G. Silva H. M. Monteiro (2000)	Combate ao racismo e construção de identidades
C. A. da Silva F. Barros S. Halpern (1997)	De como a escola participa da exclusão social: trajetórias de reprovação das crianças negras
Kabengele Munanga (2000)	Superando o Racismo na Escola

Fonte: Elaborada pela autora.

As obras literárias citadas foram fundamentais no desenvolvimento do meu trabalho, uma vez que debatem, no decorrer da sua escrita, diferentes propostas para uma educação voltada para a educação das relações étnico-raciais. Considera-se neste trabalho essa educação formada e constituída durante a vida em sociedade e escolar, sendo direito de todos o acesso a essa educação.

A partir disso, a autora Abramowicz (2006) e os demais autores propõem a prática de uma Educação Infantil que acolha todos os tipos de diferenças. A obra trabalha as questões étnico-raciais e outras características capazes de gerar a exclusão da criança como pontos de partida e de chegada da ação pedagógica e educativa.

Bento (2012) busca refletir sobre a primeira infância, enfatizando a diversidade racial e a responsabilidade política da Educação Infantil em valorizar e promover a igualdade racial. A obra traz alguns pontos fundamentais para o trabalho pedagógico, contribuindo para uma prática promotora de igualdades.

Abramovich (1997) traz elementos essenciais para refletir sobre a importância da literatura infantil na formação de sujeitos críticos e leitores. A autora dá dicas de como apreciar as obras literárias com as crianças em sala de aula, seja através das ilustrações ou do texto escrito. Enfatiza ainda que, independente do tema escolhido, ele precisa ser trabalhado com verdade e sentimento para que a criança possa viajar pelo mundo da imaginação, tirando suas próprias conclusões sobre a história.

A literatura infantil brasileira, ainda que relativamente nova, atinge hoje em dia um estágio de maturidade, resultante do surto de criação e dos estudos teóricos e críticos de que vem sendo objeto. Essa situação é fruto de um percurso: a história que acumulou ao longo do século XX, exigindo maior pesquisa e interpretação. Essa foi a tarefa realizada de modo

completo e sistemático por Marisa Lajolo e Regina Zilberman. Ao evitar uma visão da literatura infantil como um setor à parte, as autoras examinam as relações dela com as instituições sociais e com a história da literatura, desenhando um panorama amplo da nossa cultura contemporânea. O livro destina-se, assim, aos estudiosos dos livros para crianças e a todos aqueles que desejam conhecer melhor o panorama da literatura brasileira, do qual a literatura infantil faz parte.

Souza (2002) faz um convite sério ao respeito às crianças de todas as raças. A autora, com emoção pela sua 'história de criança negra' e pelo compromisso como educadora infantil, contribui de forma significativa para a reflexão sobre discriminação racial. Alerta que muitos professores, sem saber como lidar com essas questões, podem até mesmo reforçar o racismo, ressaltando a necessária reflexão de todos sobre o tema.

Nessa mesma linha, Silva e Monteiro (2000) discutem temáticas relacionadas à diversidade de práticas e de pesquisas em Educação. Diferenças, pluralidade e cidadania ocupam lugar no centro das preocupações nos textos e entre os que atuam na área educacional.

Silva e Barros (1997), no contexto da educação fundamental, buscam compreender o fracasso escolar. Se há muito se discute essa temática, a persistência do fenômeno, expresso em dados estatísticos espantosos, aponta sua complexidade e sua atualidade, mostrando como o negro está nos maiores índices de fracasso escolar.

Munanga (2000) e os demais autores trazem textos que compõem o presente manual, longe de resolver sozinho o longo e demorado processo de transformação de nossas estruturas mentais herdadas do mito de democracia racial e, conseqüentemente, dos mecanismos racistas que, sutil, consciente ou inconscientemente, marcaram a nossa própria educação e formação, é oferecer e discutir alguns subsídios que possam ajudar no desenvolvimento do processo de transformação de nossas cabeças.

Na sequência foi necessário iniciar as pesquisas sobre a temática em artigos científicos expostos na tabela abaixo, os quais contribuíram com vários elementos durante a fundamentação e reflexão a respeito das novas configurações familiares na literatura infantil.

Tabela 2: Revista utilizada na pesquisa bibliográfica

Hélio Silva Júnior, <i>et al.</i> (2012)	Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial
--	---

Fonte: Elaborada pela autora.

Maria Aparecida Silva Bento, Lucimar Rosa Dias e Hélio Silva Júnior são alguns dos autores da revista “Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial” (2012). Este material é um auxílio para as intervenções diárias em ambientes e espaços escolares promotores de igualdade racial, tendo como objetivo apoiar os profissionais que atuam na Educação Infantil, dando base para discussões e propostas que rompam com a discriminação.

Na sequência foi necessário iniciar as pesquisas sobre a temática em artigos científicos expostos na tabela abaixo os quais contribuíram com vários elementos durante a fundamentação e reflexão a respeito das novas configurações familiares na literatura infantil.

Tabela 3: Artigo científico utilizado na pesquisa bibliográfica

AUTOR	OBRA
Rute Martins Valentim José Licínio Backes (2006)	A Lei 10.639/03 e a Educação Étnico Cultural/Racial: Reflexões Sobre Novos Sentidos Na Escola

Fonte: Elaborada pela autora.

Valentim e Backes (2006) discutem a questão da educação étnico-cultural/racial, ressaltando a importância e a necessidade da desconstrução social do preconceito e da discriminação racial que são atribuídos à população negra. Procura suscitar reflexões sobre as representações sociais negativas colocadas à população negra por meio de estigmas e estereótipos, abordando particularmente a questão da educação étnico-racial no espaço escolar a partir da Lei Federal nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no sistema escolar.

Tabela 4: Resoluções, Leis e materiais produzidos pelo Governo utilizados na pesquisa bibliográfica

AUTOR	OBRA
BRASIL (2004)	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
BRASIL (2003)	Lei 10.639
BRASIL (2006)	Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais
BRASIL (2004)	Resolução CNE/CP3/2004
BRASIL (1997)	Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.

Fonte: Elaborada pela autora.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

A Lei 10.639 (2003) declara que, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e o calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.

Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais (2006) busca cumprir o detalhamento de uma política educacional que reconhece a diversidade étnico-racial em correlação com faixa etária e com situações específicas de cada nível de ensino.

Resolução CNE/CP3/2004 (2004) visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/200, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

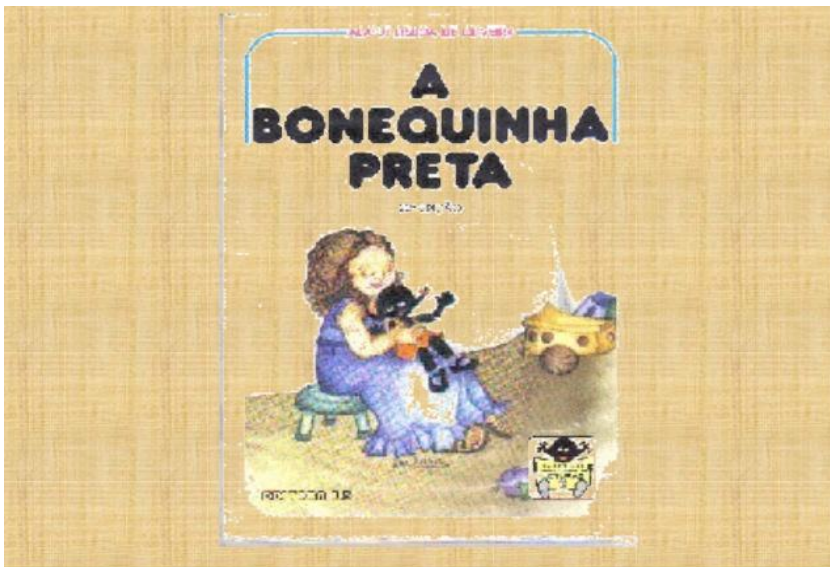
Os Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. (1997) trata dessas questões, enfatizando as diversas heranças culturais que convivem na população brasileira, oferecendo informações que contribuam para a formação de novas mentalidades, voltadas para a superação de todas as formas de discriminação e exclusão.

A seguir, apresento os livros que foram utilizados no desenvolvimento da prática pedagógica do estágio curricular supervisionado em Educação Infantil envolvendo as relações étnico-raciais.

3.2 LIVROS UTILIZADOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A análise dessa pesquisa também é voltada para a prática desenvolvida em sala de aula durante o período do estágio curricular supervisionado em Educação Infantil. As obras expostas abaixo foram escolhidas para trabalhar a temática da educação das relações étnico-raciais, as quais foram utilizadas na prática de estágio. Esses livros foram escolhidos para trabalhar com o tema pelo fato de que são indicados para a faixa etária das crianças e também por apresentarem uma linguagem de fácil compreensão ao abordar o tema. Em vista disso, apresento a capa de cada obra e, em seguida, uma breve sinopse para situar o leitor.

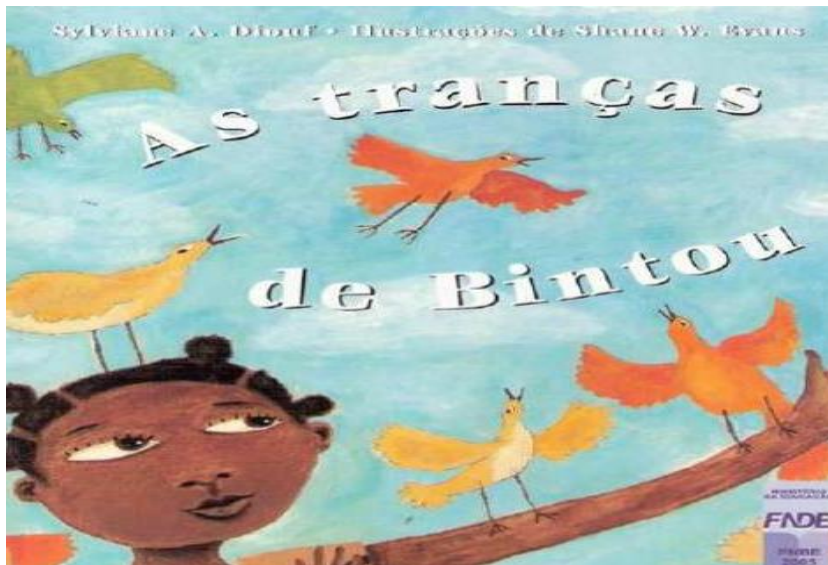
Ilustração 3 - capa do livro bonequinha preta



Fonte: Google imagens

A Bonequinha Preta, de Alaide Lisboa de Oliveira, conta a história de Mariazinha e sua bonequinha preta. São muitas aventuras em busca de sua bonequinha que acabou sumindo de casa em um dia de passeio de Mariazinha. No entanto, a história termina tudo bem, pois o sumiço de Mariazinha é resolvido e, além do mais, Mariazinha e a Bonequinha preta ganham um novo amigo.

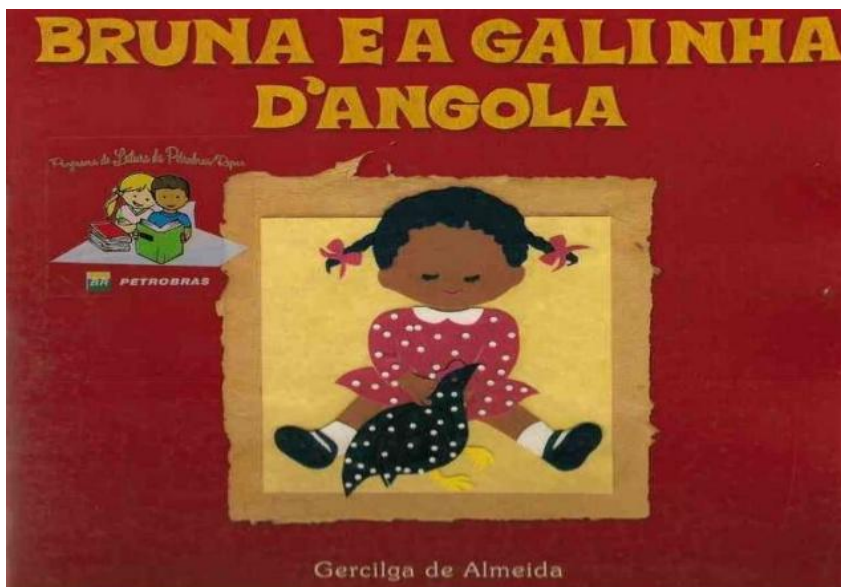
Ilustração 4 – capa do livro As tranças de Bintou



Fonte: Google imagens.

As tranças de Bintou, de Sylviane A. Diouf, conta a história da menina africana Bintou, que tem sonho de usar tranças em seus cabelos. Ela acha seu cabelo sem graça, curto e crespo, e a única coisa que pode fazer são birotos. Ela vive questionando o porquê não pode fazê-las, até que um dia busca respostas com sua avó, que utiliza termos da história e nos faz entender um pouco mais sobre a cultura africana.

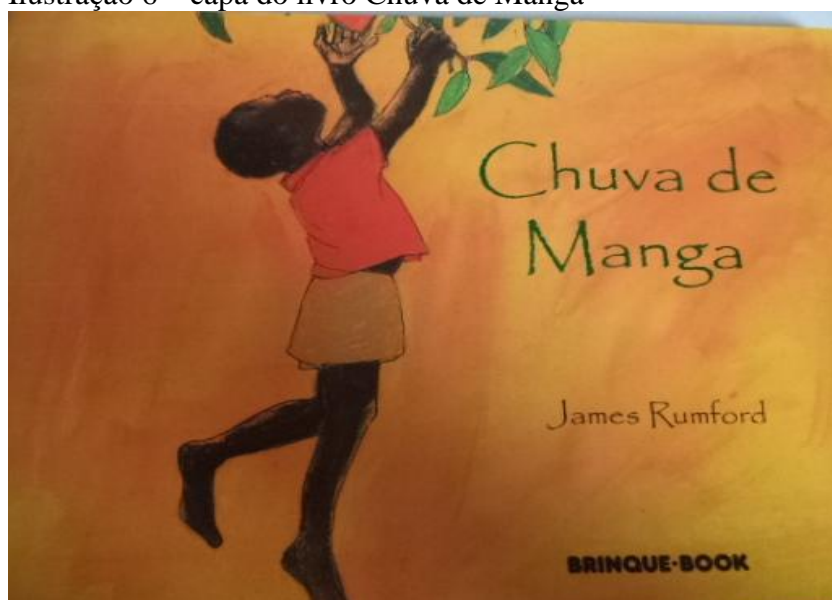
Ilustração 5 – capa do livro Bruna e a galinha d'angola



Fonte: Google imagens.

Bruna e a Galinha D'angola, de Gercilga de Almeida, conta a história de uma menina chamada Bruna, que se sentia muito sozinha. Para ter companhia, adorava ficar com sua avó e ouvir histórias sobre a cultura africana, dentre elas a que deu origem à galinha D'angola. Bruna, com o auxílio de seu tio, confeccionou com barro uma galinha, mas a maior surpresa foi no dia de seu aniversário no qual sua avó mandou vir da África uma galinha D'angola, assim Bruna não ficaria mais sozinha e teria com quem brincar. A galinha fez com que outras crianças se aproximassem de Bruna que, dessa forma foi fazendo novas amizades. Essa galinha chamada conquém proporcionou várias descobertas e chocou ovos que fizeram com que todos da aldeia tivessem uma galinha D'angola.

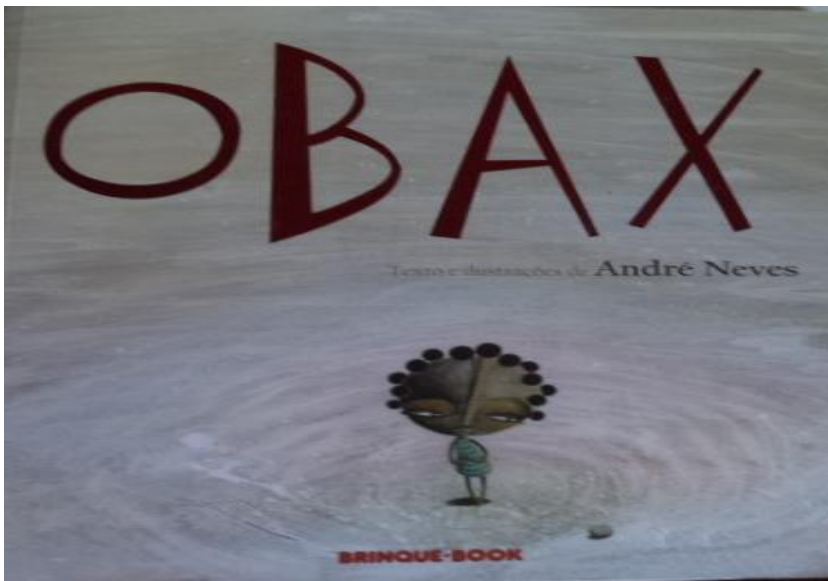
Ilustração 6 – capa do livro Chuva de Manga



Fonte: Google imagens.

Chuva de manga, do autor James Rumford, narra com ricas palavras e cores uma pequena aldeia localizada no Chade, um país africano. Retrata a história de Tomás, que ali reside num clima seco e quente e que cria estratégias para lembrar por meio das mangas maduras dias frescos como os de chuva.

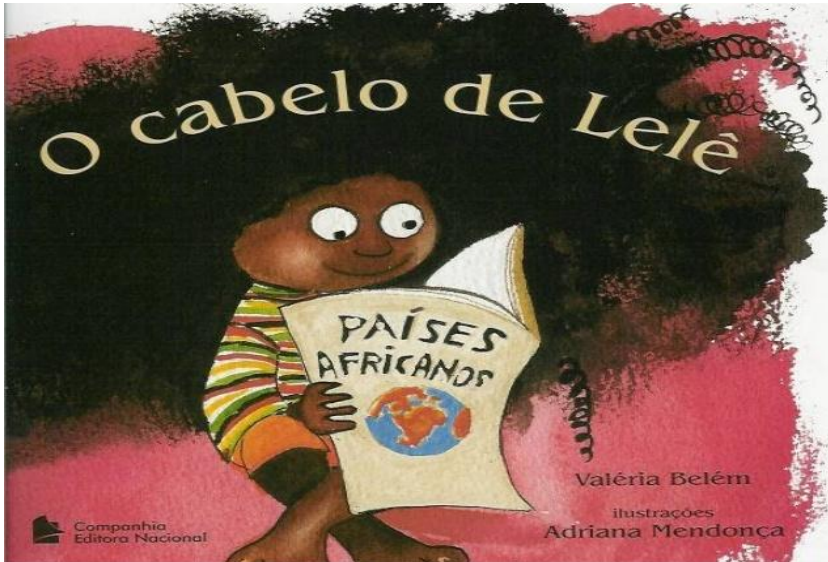
Ilustração 7 – capa do livro Obax



Fonte: Google imagens.

Obax, do autor André Neves, conta a história da menina Obax, que vive na savana sem companhia de muitas outras crianças e cria muitas aventuras por meio da imaginação.

Ilustração 8 – capa do livro O cabelo de Lelê



Fonte: Google imagens.

Lelê é uma menina que não gosta de seu cabelo e busca nos livros explicação do porquê ele é assim, todo cheio de cachinhos, e descobre que cada cachinho leva um pouco da história africana de quem é descendente. Ela fica feliz e, assim, passa a gostar do que vê, pois agora sabe que nem todos tem cabelos iguais.

A seguir, apresento como procedeu a análise da prática pedagógica do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil na abordagem do tema das relações étnico-raciais.

3.3 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ANÁLISE DA PRÁTICA NA ABORDAGEM DO TEMA

Para continuar o processo investigativo, a pesquisa conta com mais uma etapa. Esta analisa de que forma as relações étnico-raciais fazem parte do processo de aprendizagem das crianças de escolas de Educação Infantil. A escola estudada foi onde realizei o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil.

As experiências construídas durante o estágio foram tratadas como forma de identificar práticas positivas para a abordagem das relações étnico-raciais nas escolas de Educação Infantil. Esta parte se baseia no anúncio de possibilidades de trabalhar com as relações étnico-raciais de forma pedagógica e educativa, buscando construir com as crianças aprendizagens significativas.

Além de estudar as maneiras de trabalhar o tema através dos livros de literatura infantil, a pesquisa apresenta diferentes possibilidades para se utilizar na prática com as crianças. Este tópico conta com os registros realizados, abrangendo uma análise das situações de aprendizagem que foram e podem ser exploradas em ambiente escolar abordando o tema.

Quanto a isto, Martins Filho (2013) revela que o docente tem a possibilidade de explorar planejamentos de tempo, espaço, rotinas e das relações. Pode incluir na vida cotidiana um agir calcado em um projeto educacional-pedagógico eficaz, utilizando-se de aspectos básicos, como a rotina, para construir aprendizagens significativas para as crianças.

A criança, considerada de fundamental importância, também é introduzida na pesquisa. As experiências, expressões, registros e gestos foram tomados como base para entender como a criança reage quando se depara com situações que não está acostumado. Diversas são as possibilidades de coleta de dados, principalmente quanto à fala das crianças.

Assim, é possível perceber que o trabalho percorre um caminho abrangente quanto à abordagem das relações étnico-raciais no ambiente escolar. Cabe salientar que, durante a prática de estágio, a reflexão nos momentos em que o tema era abordado levantaram dúvidas e possíveis questionamentos, questões que dialogam com esta pesquisa, na tentativa de trazer

as relações étnico-raciais como pertencentes a um processo pedagógico de extrema importância.

No decorrer, apresento as relações étnico raciais: analisando a abordagem do eu, do outro e do nós nas escolas de Educação Infantil, mostrando o que a escola de Educação Infantil está abordando sobre o tema e as práticas desenvolvidas com as crianças.

4 AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ANALISANDO A ABORDAGEM DO EU, DO OUTRO E DO NÓS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

No contexto das práticas desenvolvidas na Educação Infantil e sua ligação com as relações étnico-raciais, estudos revelam uma dificuldade muito grande por parte do professor em abordar o tema com as crianças, seja por falta de formação ou por falta de material necessário. Assim como abordado nas “Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais”, sabemos que “um olhar atento para a escola capta situações que configuram de modo expressivo atitudes racistas. Nesse aspecto, de forma objetiva ou subjetiva, a educação apresenta preocupações que vão do material didático-pedagógico à formação de professores” (BRASIL, 2006, p. 23).

Nesse mesmo caminho, este mesmo documento destaca que “é imprescindível, portanto, reconhecer esse problema e combatê-lo no espaço escolar. É necessária a promoção do respeito mútuo, o respeito ao outro, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de se falar sobre as diferenças sem medo, receio ou preconceito”.

Nesse sentido, a “Base Nacional Comum Curricular” traz os Campos de Experiências, ressaltando que,

os Campos de Experiências constituem um arranjo curricular adequado à educação da criança de 0 a 5 anos e 11 meses quando certas experiências, por ela vivenciadas, promovem a apropriação de conhecimentos relevantes. A escola tem um papel importante na atribuição de sentidos às diversas situações concretas que as crianças vivenciam. Por isso, os campos de experiências acolhem as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte de nosso patrimônio cultural. (BRASIL, 2016, p.63)

Por esta razão, as relações étnico-raciais não devem ser trabalhadas como atividades isoladas ou desenvolvidas apenas na semana de conscientização negra, elas devem estar presentes durante todo trabalho pedagógico desenvolvido. É importante destacar que a garantia legal dos direitos não promove sua concretização. São as atitudes efetivas e intencionais que demonstrarão o compromisso com tais direitos. Reconhecer as diferenças é um passo fundamental para a promoção da igualdade, sem a qual a diferença poderá vir a se transformar em desigualdade (BRASIL, 2006).

Nesse mesmo caminho, os Campos de Experiências trazem a relação do eu, do outro e do nós, mostrando que,

é na interação com outras crianças e adultos que as crianças vão se constituindo como alguém com um modo próprio de agir, sentir e pensar. Conforme vivem suas primeiras experiências de cuidado pessoal e outras práticas sociais recíprocas, na família, na instituição educacional ou na coletividade, constroem percepções e perguntas sobre si, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se com os demais. Nesse processo, as crianças aprendem a distinguir e a expressar sensações, percepções, emoções e pensamentos, o que lhes possibilita, posteriormente, considerarem o ponto de vista do outro, se oporem ou concordarem com seus pares, entendendo os sentimentos, os motivos, as ideias e o cotidiano dos parceiros. (BRASIL, 2016, p. 67)

Pensando na importância que esta temática desempenha no processo de construção de conhecimentos das crianças e, também, como forma de organizar o estudo das relações étnico-raciais na Educação Infantil, a presente análise está apresentada em duas seções. A primeira, *Relações étnico-raciais: o que a Educação Infantil está ensinando sobre o assunto*, destaca como está sendo abordado o tema na escola com as crianças, que aspectos são levados em conta no momento da abordagem do tema. A segunda seção apresenta a *Prática desenvolvida com as crianças*, que mostra as práticas que foram desenvolvidas com as crianças durante o período de estágio curricular supervisionado em Educação Infantil.

4.1 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: O QUE A EDUCAÇÃO INFANTIL ESTÁ ENSINANDO SOBRE O ASSUNTO?

Apesar de, no dia-a-dia, não se levar em consideração as questões étnico-raciais das crianças, o tempo todo acontecem situações em que elas precisam se posicionar de alguma maneira sobre isso. (LOPES, 2006).

Para dar início à análise sobre as relações étnico-raciais na Educação Infantil, esta citação que retrata a realidade encontrada nas escolas de Educação Infantil. A questão étnico-racial aparece o tempo todo nas escolas, porém falta um posicionamento para com essa questão.

Nesse mesmo sentido, Abramowicz et al. (2006) relatam que é sabido que o acesso de crianças negras à creche é menor que o de crianças brancas, ou seja, também nesse ambiente a discriminação acontece. Já nessa faixa etária elas recebem um tratamento diferenciado por meio da linguagem e, em maior grau, por atitudes e gestos que reforçam o racismo: elas são menos beijadas, menos abraçadas e ganham menos colo que as crianças brancas.

Por esse motivo é importante refletirmos de que maneira a escola de Educação Infantil está trabalhando com essas situações no dia-a-dia, que práticas vem desenvolvendo com as crianças que abordam o tema em sala de aula para superar atitudes de preconceito. Dessa maneira, o presente estudo se fundamenta nas observações realizadas na escola onde ocorreu o estágio curricular supervisionado em Educação Infantil.

Para compreender de que forma aparecem as relações étnico-raciais na escola, é importante realizar a descrição dos momentos que foram vivenciados na instituição. A escola atende exclusivamente crianças de Educação Infantil, tendo em torno de duzentas crianças que frequentam a escola. As crianças que frequentam a instituição são predominantemente brancas. As crianças negras somam cerca de 5% das demais.

Ao observar as crianças brincando com uma caixa de brinquedos, já de início tive despertada minha atenção, pois, ao olhar entre os brinquedos espalhados pelo pátio, não encontro, entre tantas, nenhuma boneca negra, sendo que havia bonecas de diferentes modelos, tamanhos, formas, porém todas brancas.

Ao escolher bonecas e bonecos negros, é preciso olhar para a diversidade de tonalidades de pele, de traços e de tipos de cabelo. Será que as bonecas escolhidas expressam essa diversidade? Assim como a boneca loira e de olhos azuis não traduz a diversidade de tipos da raça branca, também ao escolher as bonecas e os bonecos negros devemos procurar aqueles que representam os negros na sua variedade de tons de pele e tipos de cabelo, a pluralidade fenotípica que caracteriza a população negra. Além disso, há os critérios básicos que jamais deveriam ser esquecidos: os bonecos são bonitos e benfeitos? Dá vontade de brincar com eles? São interessantes para as crianças? (SILVA JUNIOR, 2012, p. 22).

Continuando minha observação, entro em uma sala de aula, na qual a professora está trabalhando com as crianças sobre a diversidade. A professora dá início à aula contando a história “Menina Bonita do Laço de Fita”. Todas as crianças ficam atentas e prestam bastante atenção na história. Ao terminar de contar, a professora pergunta a todos se gostaram da história e todos respondem em coro que sim, e o assunto termina por aí. Após o momento da história, a professora propõe a todos que desenhem em uma folha A4 o que mais gostaram da história. Todos pegam canetões e desenham livremente. Observando os desenhos produzidos, percebo que nenhuma criança desenhou a menina com pele negra, e sim de tons claros.

Nesse sentido, grande parte dos educadores ainda não reconhece a diversidade e a diferença, por conseguinte não possuem a capacidade de análise para transformar a sua prática (GONÇALVES, 2006).

Em outro momento observado, as crianças se dirigem à aula de capoeira, a qual é ministrada por um professor negro. As crianças chegam empolgadas, abraçam o professor e sentam para ouvi-lo. Passado algum tempo da aula, o professor propõe a eles que façam gestos de carinho nos colegas e é quando acontece a situação na qual um dos alunos passa a mão no cabelo do professor e comenta que o mesmo é duro. O professor não fala nada, e o aluno prossegue dizendo que o professor tem o cabelo duro e a pele suja. Nesse momento o professor dirige o olhar para a professora regente da turma, que os acompanha na aula, e fala rindo a ela de como se impressiona com esse tipo de fala das crianças desde pequenos. A professora sem falar nada apenas sorri concordando com o professor.

Assim, podemos perceber que, as crianças pequeninhas aprendem a diferenciação racial através das relações que estabelecem com o mundo, passando a fazer suas escolhas afetivas e a desenvolver suas relações interpessoais e, assim, a partir de suas experiências começam a fazer diferenciação dos sujeitos com base na cor da pele (SANTIAGO, 2014).

Partindo desse pressuposto e das observações realizadas, percebi o quanto os professores estão despreparados para abordarem o tema das relações étnico-raciais com as crianças. As situações acontecem em frente ao professor, durante sua prática e o mesmo deixa passar por despercebido.

Segundo Munanga (2000), esses processos ocorrem porque os/as docentes brasileiros/as não recebem em sua formação o necessário preparo para lidar com o desafio da problemática da convivência com a diversidade. Essa falta de preparo compromete o trabalho de formação humana pela qual os docentes são responsáveis. A presença e a representação positivas das diferenças nos diversos espaços e setores sociais ainda são um direito a ser efetivado no Brasil, apesar de o país ter como característica principal o fato de ser uma sociedade pluriétnica e multirracial.

A seguir, apresento as práticas desenvolvidas com as crianças durante o estágio curricular supervisionado em Educação Infantil envolvendo as relações étnico-raciais.

4.2 COM A MÃO NA MASSA: PRÁTICAS DESENVOLVIDAS COM AS CRIANÇAS

O trabalho pedagógico nas escolas não é algo isolado, ele necessita de planejamento e principalmente troca de ideias entre os profissionais que fazem da Educação Infantil um espaço de aprendizagens. Com relação ao tema das relações étnico-raciais, a troca de experiências e ideias entre os docentes deve ocorrer diariamente, pois é uma questão relevante no âmbito da educação das crianças desde pequenas, sendo algo que está presente no cotidiano delas.

Precisamos, no nosso trabalho cotidiano, incorporar o discurso das diferenças não como um desvio, mas como algo que enriquece nossas práticas e as relações entre as crianças, possibilitando, desde cedo, o enfrentamento de práticas de racismo, a construção de posturas mais abertas às diferenças e, consequentemente, a construção de uma sociedade mais plural (ABRAMOWICZ, 2006, p.56).

Partindo dessa concepção é que busquei na prática de estágio curricular aproximar essa questão de pesquisa. O estágio foi realizado em uma escola particular do município de Erechim, em uma turma de Maternal (2-3 anos) e a turma possuía 14 crianças, sendo 8 meninas e 6 meninos, todas as crianças brancas e apenas uma menina com cabelos cacheados.

A seguir, faço o relato sobre as práticas desenvolvidas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, que teve como foco principal as relações étnico-raciais presentes na escola, na qual apresento de que forma se pode trabalhar o tema com as crianças na Educação Infantil e como as crianças reagem ao tema.

A primeira proposta consistiu na contação da história *O cabelo de Lelê*, com o objetivo de perceber qual seria a primeira reação das crianças com o diferente, com algo que não estão acostumados a vivenciar no seu dia-a-dia escolar. A história despertou muito interesse nas crianças. Logo no início da história, elas comentavam admiradas sobre o tamanho do cabelo da menina, e, ao terminar de contar a história, fiz algumas perguntas referentes à mesma. Como por exemplo, perguntei se haviam gostado, o que não gostaram, o que mais chamou a atenção deles. Nesse momento, duas crianças me disseram que acharam o cabelo da Lelê feio. Ao questioná-las sobre o porquê haviam achado feio o cabelo, uma delas me respondeu que era porque o cabelo dela era muito grande e muito cacheado.

Ilustração 9: contação de história



Fonte: Diário de campo (2015).

Com esse relato, pode-se perceber que as crianças já vêm de casa com um padrão de beleza formado em sua cabeça, tendo em mente que o cabelo bonito é aquele loiro, liso e arrumado.

Nesse sentido, Abramowicz (2006) relata que

Isso nos leva a supor que as crianças nessa faixa etária já conseguem perceber as diferenças raciais e começam a cristalizar determinadas atitudes preconceituosas em relação aos que não apresentam as suas características físicas. Isso evidencia a necessidade de se iniciar uma intervenção pedagógica visando à destituição desse tipo de relação aos colegas.

Na sequência propus que as crianças realizassem um desenho sobre a história, com o objetivo de verificar o quanto realmente cada criança havia absorvido da história, assim, disponibilizei lã, canetões e outros materiais para que pudessem produzir seus desenhos. Cada criança do seu jeito foi reproduzindo a menina da história, e o que mais chamou a atenção foi o diálogo entre eles durante as produções, comentando sobre a cor, tamanho do cabelo da menina, sobre sua pele. As crianças conseguiram perceber e compreender a relação existente entre o cabelo e a pele da menina e retrataram-na da maneira que estava presente na história.

Ilustração 10: registro produzido por uma criança



Fonte: Diário de campo (2015).

Outra atividade proposta foi a contação da história *As tranças de Bintou*, a qual também teve um desenrolar muito interessante, pois, nesse momento, as crianças já me relatam, ao ouvir a história, semelhanças e diferenças entre a primeira história contada e essa. E esse realmente era o objetivo da atividade, que as crianças conseguissem apontar aspectos presentes nas duas histórias e as semelhanças entre as meninas protagonistas das histórias. Foi assim que muitas delas me relataram sobre o cabelo que era da mesma cor, que pareciam ser irmãs, só que uma arrumava o cabelo e a outra não.

Ilustração 11: meninas protagonistas das histórias



Fonte: Google imagens

Cada vez mais, vemos pesquisadores apontando para uma necessidade da presença do negro na literatura infantil. Com isso, produções mais recentes têm surgido com imagens e narrativas que vão para além das denúncias e preconceitos, mas que retratam o negro como ser histórico e social. São livros que buscam romper com a ideia de superioridade de uma raça sobre a outra e possibilitar um outro olhar sobre o negro, surgindo como protagonista e possibilitando uma valorização do ser negro, sem o estigma da escravidão e do sofrimento, ao qual até na literatura, todo negro parecia estar fadado. (PARREIRAS, 2007, p.44)

Desse modo, é de extrema importância mostrar para as crianças, através dos livros de literatura infantil, que os personagens negros também são importantes e estão presentes como protagonistas nas histórias, para, assim, tentar mudar o que sempre foi tradicional nas histórias infantis, que sempre era exaltado apenas a beleza branca, e nunca a negra.

A partir da história, fui desenvolvendo com eles uma roda de conversa com um diálogo que se estendeu por cerca de vinte minutos, no qual me contavam entusiasmados sobre as meninas e suas características, e, quando necessário, eu comentava algo no meio da conversa, relembando algum fato deixado passar despercebido na história, e as crianças voltavam a interagir e enriquecer o diálogo.

Durante a rotina diária, a roda de conversa pode ser um dos momentos mais importantes planejados. Segundo Junqueira Filho (2008), ela pode e é um “conteúdo-linguagem”^{*} por si só – conversar. Mas, ao mesmo tempo, um possível recurso para explorar outros “conteúdo-linguagem”, pois através dela trabalhamos com a organização de regras e combinados, conhecimento de assuntos diversos, desenvolvimento da expressão oral, resolução de conflitos, etc.

Em outro momento iniciei minha proposta contando a história *Obax*, com o objetivo das crianças continuarem fazendo relação entre as crianças presentes nas histórias já contadas. Assim, após contar a história, as crianças já estavam eufóricas para comentar sobre a mesma, e já de início uma delas me disse que a *Obax* tinha o cabelo igual ao da *Bintou*, o que realmente aparece nas histórias. Nesse momento, surge o comentário que mais chamou atenção, quando uma das crianças me olha e comenta que a *Obax* era negra como a *Lelê* e a *Bintou*. Fiquei extremamente feliz com esse comentário, pois vem ao encontro do que

* Quando digo conteúdos-linguagens estou me referindo a:

- linguagem oral (fala, oralidade);
- linguagem espaçotemporal (agora, depois, daqui a pouco, ali, aqui, ontem, hoje, amanhã, de manhã (...));
- linguagem plástico-visual (desenho, pintura, modelagem, escultura, recorte e colagem, etc.);
- linguagem sonoro-musical (sons da natureza, sons da cultura, sons do corpo, música ouvida e cantada); etc...

realmente queria que eles conseguissem perceber e absorver das histórias, que era essa relação existente entre as três personagens das histórias.

Partindo da história, propus que as crianças sentem uma atrás da outra no chão revezando a cada sinal meu o lugar que estão sentados, e que, dessa forma, acariciem, sintam, peguem, toquem os cabelos dos seus colegas, para que possam perceber a diferença existente entre os cabelos dos colegas.

Ilustração 12: crianças acariciando o cabelo umas das outras



Fonte: Diário de campo (2015).

Durante essa proposta, as crianças iam comentando sobre aspectos presentes nos cabelos dos colegas, me relatavam que eram diferentes, uns mais macios, outros mais duros, uns compridos, outros curtos. E, durante esse momento, uma das crianças, ao acariciar o cabelo de uma das colegas, comenta comigo que o cabelo se assimila ao cabelo da Lelê. Ao questioná-la sobre o porquê que eram similares, a mesma me relata que era porque os dois são cacheados e mais duro.

Ilustração 13: criança acariciando cabelo cacheado



Fonte: Diário de campo (2015).

É importante salientar, como aponta Gomes (2008), que o processo de construção histórica dos cabelos crespos como ruim tem sua gênese na escravidão, quando, dentre as muitas formas de violência impostas aos escravos e às escravas, encontrava-se a raspagem do cabelo. Isto significava uma mutilação, uma vez que, para muitas etnias africanas, os cabelos eram considerados como marca de dignidade. Os cabelos crespos, quando “fetichizados” como ruins, expressam o racismo que recai sobre os sujeitos negros e anunciam a presença de um conflito racial que se fundamenta em dominação sociocultural eurocêntrica, propagando as relações históricas marcadas pelo processo de racialização social.

Nesse momento, percebi o quanto são importantes esses momentos com as crianças, deles experienciarem situações que lhes façam vivenciar na prática, e não somente na fala, pois, dessa maneira, conseguem assimilar mais facilmente os fatos com a realidade.

Outra proposta desenvolvida foi a contação da história *Bruna e a galinha d'angola*, a qual deixou as crianças muito curiosas em saber o que era uma galinha d'angola. Então, nesse momento, mostrei a eles uma imagem de uma galinha d'angola e expliquei que a mesma existe em vários lugares e que muitas pessoas têm-nas em seus sítios.

Ilustração 14: galinha d'angola



Fonte: Google imagens.

Após o momento de conversa sobre a história, propus que produzíssemos galinhas d'angola de barro, assim como a Bruna fazia na história, com o objetivo das crianças reproduzirem um pouco da história do mundo imaginário para o mundo real. Assim, disponibilizei argila para que pudessem modelar a sua galinha d'angola. Durante a produção, todos falavam empolgados sobre suas galinhas, de como elas seriam e é nesse instante que uma das crianças comenta que a sua será igual a da Bruna. Ao questioná-la sobre como era a galinha da Bruna, a mesma me respondeu prontamente que era preta com bolinhas brancas. Ao terminarem a modelagem de suas galinhas, combinei com os as crianças que deixaríamos secar para que no outro dia pudéssemos pintá-las.

Ilustração 15: modelagem com argila



Fonte: Diário de campo (2015).

No outro dia, assim que as crianças me avistaram, já vinham empolgadas me perguntar se as galinhas d'angola estariam secas para realizarmos a pintura. Ao entrarmos na sala, todos vão ao local onde deixamos as mesmas secando, e, para a alegria geral, elas estavam secas. No momento seguinte, disponibilizo tintas para que as crianças possam pintar suas galinhas do jeito que desejarem; não interferi nas pinturas. Ao começarem escolher as tintas, uma das crianças já comenta com os colegas que vai pintar sua galinha de azul, pois torce para o grêmio e gosta muito de azul. Nesse momento, a criança que, no dia anterior, havia comentado que pintaria a sua igual ao da história, entra na conversa e fala brava ao colega, corrigindo-o que a galinha da história não era azul, e sim preta com bolinhas brancas, mas, sem dar ouvidos à primeira criança, segue pintando a sua galinha de azul.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 2001), as Artes Visuais são formas de comunicação e de expressão da criança. Por meio das Artes Visuais, as crianças têm a possibilidade de atribuir sentido àquilo que sentem, pensam e vivenciam. Tais possibilidades de atribuição de sentido se dão por meio da organização dos elementos presentes no trabalho com essa forma de expressão, linhas, cores, luz, espaço, forma, volume, dentre outros. Assim, a criança quando tem a possibilidade de desenhar, pintar, ou modelar, utilizando-se de diferentes materiais, pode-se valer das Artes Visuais para expressar suas experiências.

Ao circular pelas mesas onde as crianças estão pintando, observo que apenas duas crianças estão a pintar suas galinhas fazendo relação com a história, as demais pintam com todas as cores disponíveis e uma delas ainda comenta que, mesmo pintando de amarela, ela ainda era galinha. Nesse momento, percebo que para eles o mais importante foi a galinha (personagem), e não interessava a cor dela.

Ilustração 16: pintura da modelagem



Fonte: Diário de campo (2015).

Assim, pude perceber que, para as crianças, essas relações preconceituosas se estabelecem com o tempo e por meio de exemplos e convívio com adultos preconceituosos, que veem no outro a diferença racial.

Dessa maneira, a superação do racismo ainda presente em nossa sociedade é um imperativo. É uma necessidade moral e uma tarefa política de primeira grandeza. E a educação é um dos terrenos decisivos para que sejamos vitoriosos nesse esforço. (MUNANGA, 2000),

Em outra prática iniciei lendo a história *Chuva de Manga*. No momento em que falei o nome da história, as crianças já começaram a questionar como seria possível uma chuva de manga. Ao contar a história, todos ficam concentrados ouvindo e, assim que termino, uma das crianças me relata que, na verdade, “choveu chuva” (expressão usada pela criança), e não choveu manga. Então, explico para as crianças o porquê do nome ser chuva de manga e direciono minha conversa para os personagens da história, com o objetivo de analisar se as crianças tiveram um olhar diferenciado para os personagens.

Assim que falo sobre o menino protagonista da história, uma das crianças, que após tantas conversas já se sente mais segura para falar sobre os personagens das histórias, faz um comentário relatando que o menino era muito preto. Nesse instante, todas as outras crianças concordam com o comentário. A partir do comentário, direciono minha fala explicando a origem desse menino, tentando sanar todas as dúvidas e mostrando o porquê desse menino ser mais negro do que os das histórias anteriores.

Sendo assim, as instituições de Educação Infantil devem se caracterizar como locais nos quais as crianças encontrem, desde cedo, espaço vivo de informações sobre a população negra, as tradições afro-brasileiras, o continente africano e outros diferentes assuntos que compõem o universo de conhecimentos sobre a questão racial (SILVA JUNIOR, 2012).

Partindo da conversa com as crianças, proponho que todos procurem em revistas imagens de pessoas, qualquer tipo de pessoa. Em momento algum, direciono para encontrarem pessoas negras ou brancas, deixo-os livres.

Ilustração 17: procurando imagens em revistas



Fonte: Diário de campo (2015).

Durante esse momento, percebo que algumas crianças encontram pessoas negras e as recortam. Após todos concluírem a proposta, colamos em uma folha de cartolina as imagens encontradas por eles. Em círculo, disponho o cartaz construído e peço para que observem as pessoas que eles encontraram. Nesse momento uma das crianças comenta que uma das mulheres tem o cabelo parecido com o da Lelê, outra criança fala que um dos homens é negro como o menino da história e ainda complementa falando que ele deve ser da África. É nesses momentos de interação entre as crianças que percebo que o pensamento racista que percebi em alguns lá no início é apenas uma ideia que foi colocada em sua cabeça, e não algo que ele traz consigo de berço.

Nesse mesmo sentido, Silva Junior (2012), relata que

quanto mais oportunidades as crianças tiverem para falar e ouvir opiniões de adultos, ou de outras crianças, sobre fatos, fenômenos e situações sociais observadas, mais elas poderão pensar e elaborar ideias sobre o continente africano, os povos negros e as questões raciais.

Ilustração 18: cartolina com as imagens encontradas



Fonte: Diário de campo (2015).

Na última prática desenvolvida, conto para as crianças a história *A bonequinha preta*, com o objetivo de mostrar para as crianças que as bonecas negras também existem e devem ser utilizadas da mesma maneira que as brancas. Ao contar a história, todos ficam atentos ouvindo. Assim que terminei, uma das crianças me relata que tem uma boneca negra em casa, mas que não brinca com ela porque ela parece ser suja de terra. Antes que eu pudesse falar alguma coisa, outra criança se manifesta e tenta corrigir a fala da anterior dizendo para ela que a boneca não é suja, e sim de cor marrom. Nesse momento, fico a observar a conversa entre eles e percebo o quanto foi importante todos os momentos das práticas e o quanto foram significativas para eles. Mesmo a criança utilizando o termo marrom para se dirigir à boneca negra, pode-se perceber que ela conseguiu fazer a relação existente entre a cor da boneca e a raça negra.

Para finalizar, disponibilizo para as crianças diversas bonecas, negras, brancas, loiras, com cabelo cacheado, cabelo liso... para que possam escolher para brincar. Nesse momento,

todos se dirigem para pegar as bonecas e uma das crianças pega a boneca negra no colo e senta-se. Alguns instantes depois começa acariciar o cabelo da boneca e comenta comigo que o cabelo da boneca é preto e duro. Depois de algum tempo, uma das meninas se aproxima e pede a boneca negra emprestada para brincar. A troca acontece e duas meninas se juntam para brincar com a boneca.

Ilustração 19: bonecas disponibilizadas para brincar



Fonte: Diário de campo (2015).

Dessa maneira, ter em mãos bonecas e bonecos negros, instrumentos musicais usados nas manifestações afro-brasileiras e livros que contemplem personagens negros representados de modo positivo é fundamental para o desenvolvimento de uma educação para a igualdade racial (SILVA JUNIOR, 2012).

Ilustração 20 – crianças brincando com boneca negra.



Fonte: Diário de campo (2015).

Portanto, que os meninos e meninas se transformam, é algo que todos sabem. Que se transformam na interação com as pessoas e as coisas é reconhecido cientificamente. Que muitos meninos e meninas, desde bem pequenos, desperdiçam suas capacidades se não recebem uma educação correta, é uma triste realidade. (MAJEM; ÒDNA, 2010).

Sendo assim, a interação entre as crianças foi para além das aprendizagens entre eles. A dimensão do eu, do outro e do nós se consolidou nessa prática de estágio.

No decorrer, apresento as considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou estudar as relações étnico-raciais presentes na escola de Educação Infantil, ou seja, de que maneira as escolas de Educação Infantil abordam a questão das relações étnico-raciais com as crianças, analisando como o professor lida com situações de preconceito e também como as crianças reagem diante do diferente. O foco da pesquisa se deu em torno de práticas desenvolvidas com crianças da Educação Infantil, as quais foram desenvolvidas através do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Nesse sentido, inicialmente foi realizada uma observação das práticas que os professores vinham desenvolvendo com as crianças voltadas para o tema para que, assim, pudesse fazer um levantamento de dados, para conhecer como o tema vem sendo abordado com as crianças na Educação Infantil.

Partindo das observações e com o objetivo de realizar uma análise das práticas pedagógicas que ocorrem na Educação Infantil, com ênfase no negro, e através delas verificar o que revelam da questão racial, é que busquei fazer um estudo sobre a história das relações étnico-raciais para descobrir por que o preconceito e a discriminação racial ainda estão presentes de maneira tão forte em nossa sociedade e, principalmente, na escola.

Dessa maneira, verifiquei que o preconceito racial vem passando de geração a geração e que as crianças chegam à escola desde pequenas e já trazem consigo o preconceito internalizado. Ao chegarem à escola, não encontram nela práticas que façam com que essa realidade seja questionada, pois os professores não estão preparados para trabalhar com o tema e, em consequência disso, não conseguem, pelas práticas pedagógicas, transformar a ideia trazida de casa. Os professores deixam as situações de preconceito, muitas vezes, passarem despercebidos dos seus olhos, ajudando, assim, na disseminação do preconceito dentro da escola. E, não percebem que, podem encontrar na literatura infantil, um suporte muito grande para a abordagem do tema com as crianças.

Com essa prática adotada pelos professores, a escola acaba reforçando o racismo e as práticas discriminatórias, o que gera nos negros um sentimento de inferioridade, pois, cada vez que acontece uma situação de discriminação, pouco se faz para que o respeito às diferenças seja cumprido. Desse modo, parte dos negros não constrói um sentimento de pertencimento às suas origens e nem ao ambiente escolar.

Em vista desse cenário, percebo o quanto as práticas pedagógicas escolares podem contribuir nesse diálogo e no processo de respeito às diferenças, principalmente nas relações étnico-raciais. Pensando nisso, em diferentes momentos da pesquisa fui trazendo não só um aporte bibliográfico sobre o assunto, como também sugestões e possibilidades de trazer esse tema para a roda de conversa das crianças, no cotidiano das brincadeiras e dos discursos.

Sabemos que é pelo exemplo que parte das aprendizagens se desenvolvem, por isso as leituras e pesquisas bibliográficas realizadas me oportunizaram repensar as relações étnico-raciais no âmbito escolar e, a partir disso, perceber que existem diferentes formas de trabalhá-las na Educação Infantil. O simples fato de conversar com as crianças, dar o tempo para que façam suas associações e consigam expressar o que lhe está inquietando sobre o assunto já está fazendo toda diferença.

Para isso, é necessário que as relações étnico-raciais sejam encaradas como pertencentes ao processo pedagógico que ocorre diariamente nas práticas dos professores. É preciso que sejam questionadas as práticas discriminatórias desenvolvidas pelos professores, mostrando que há propostas que podem satisfazer o desejo da criança em aprender e do professor em ensinar sobre assuntos que fazem parte do dia-a-dia das crianças. Com essas atitudes na Educação Infantil, a aprendizagem será constante.

Assim como pude vivenciar durante as práticas desenvolvidas com as crianças que as mesmas trazem consigo uma ideia sobre o negro que lhe foi ensinada durante sua vida e não algo que nasceu com elas, a cada situação de aprendizagem proposta a elas pude perceber o interesse, a curiosidade e a inocência sobre o tema. Quanto mais as crianças tiverem contato com informações, histórias, conhecimentos referentes ao negro e sua identidade, mais cedo compreenderão que as diferenças estão em casa, na sala de aula, na rua, em qualquer lugar e que o respeito é fundamental para a construção da formação humana e integral desde a Educação Infantil.

Com o contato diário com as crianças, consegui perceber a forma como reagem diante do diferente e também como interagem com o outro nas situações que ocorrem no dia-a-dia. Pude estabelecer relação entre o eu e cada criança e também de cada criança com o grupo, no todo. Observei ainda a maneira como cada um reage às situações vivenciadas, como reagem ao colega, como aceitam a opinião de cada um em suas manifestações sobre o tema. Por isso, vale ressaltar que as aprendizagens são ainda mais significativas quando as crianças conseguem estabelecer relação com o eu, com o outro e com o nós.

Foi assim que as crianças interagiram de forma significativa, correspondendo ao que realmente queria que conseguissem absorver de cada prática desenvolvida, fazendo relação com a realidade, com as histórias, com as brincadeiras deles. E o que foi de suma importância foi a interação deles comigo, pois, assim, se sentiam à vontade para expressar suas ideias e opiniões.

Por meio das aprendizagens construídas no ambiente escolar, as crianças têm a possibilidade de desenvolver atitudes de respeito com os colegas, professores e demais pessoas do seu convívio. Para isso, oportunizar momentos de reflexão e diálogo sobre o respeito ao outro e a diferença que cada um se caracteriza foi marcante nesse processo. Escutá-los e ampliar os questionamentos é papel importante nesse sentido. Pelo que foi observado, os comentários discriminatórios eram silenciados, ignorados. Sabemos que esse tipo de situação não é mais cabível na sociedade que pretendemos construir com as crianças, com as famílias, enfim, envolvendo todas as esferas que contribuem para uma sociedade mais justa e igualitária.

Mesmo com todo o estudo desenvolvido, considero que este trabalho é apenas um estudo inicial e que existe um longo caminho a ser percorrido em busca de uma educação que realmente se preocupe com as relações étnico-raciais presentes na escola. Vejo nessa pesquisa pontos importantes a serem considerados no âmbito da educação, uma vez que apresento possibilidades concretas de trabalho com a literatura infantil, brinquedos e brincadeiras que oportunizam às crianças e seus professores a (re)pensarem as relações étnico-raciais a partir das próprias relações que exercem entre si, seus pares e com os adultos que apresentam a eles outros olhares sobre o negro e sua identidade.

Além disso, e talvez o principal desse trabalho, é olhar para as crianças negras da escola e dizer a elas que existem histórias nas quais elas podem se ver, se identificar e que podem construir um sentimento de pertencimento a uma cultura, a um lugar que também é delas, e não só das crianças brancas e loiras. Nesse sentido, o trabalho também contribui diretamente na formação dos professores que, ao se comprometerem com a educação da infância, precisam construir práticas reflexivas e concretas de respeito às diferenças a partir do olhar das experiências entre o eu, o outro e o nós, no cotidiano das instituições de Educação Infantil.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2002.

ABRAMOWICZ, Anete et al. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006. 125 p.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. Aspectos conceituais e jurídicos da educação para a igualdade racial na educação infantil: As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida Silva et al (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Ceert, 2012.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002, p. 25 – 41.

ARAÚJO, Cristina de; OYAYOMI, Débora; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Formação de professores para a igualdade étnico-racial na educação infantil: Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise de resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva et al (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Ceert, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologia Sócio – Histórica**. São Paulo: Cortêz, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular 2º versão revista / Ministério da Educação**. Brasília: CONSED, UNDIME, 2016.

_____. Daiane Souza. Ministério da Cultura. **A Lei nº 10.639 na visão de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva**. 2012. Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=17211>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2004.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U de 10/01/2003.

_____. **LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996**. Lei nº. 9.394. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

_____. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**, Secretaria da Educação Básica. 2001. V. 1

_____. **Resolução CNE/CP3/2004**. Seção 1, p.11. D.O. U. de 22 de junho de 2004.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

ESCANFELLA, Célia Maria. **Relações Raciais na Literatura Infantil: uma construção de palavras e imagens**. In: XI Encontro Regional da ABRALIC, 2007, São Paulo. **Anais do XI Encontro Regional da Abralic/Simpósio "A imagem e o Verbo"**. São Paulo: Abralic, 2007.

EXPERIMENTO Revela que o Racismo é Mais Forte do que Todos Pensam. Ciudad do México: Conapred, 2014. (3:49 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://youtu.be/Sq4z2Vq2K1w>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

GOMES, Nilma. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. **Educação das Relações Étnico-Raciais: o desafio da formação docente**. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 29., 2006, Caxambu: Anped, 2006. p. 01 - 14. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT21-2372--Int.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto alegre: Mediação, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. Histórias e Histórias. São Paulo: Ática, 1988.

LOPES, Larissa. **"Ninguém ensina ao negro a se amar": o racismo vivido desde a educação infantil**: Escolas e sociedade precisam valorizar a cultura e a beleza negra. AUN - USP, São Paulo, 10 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.usp.br/aun/exibir?id=7742&ed=1356&f=5>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

MAJEM, Tere; ÔDNA, Pepa. **Descobrir brincando**. Campinas: Editora Autores Associados Ltda., 2010. 72 p. (Educação infantil em movimento). Tradução de: Suely Amaral Mello e Maria Carmen Silveira Barbosa.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na educação infantil**. 2013. 306 f. Tese (Dourado em Educação) - Programa de Pós-

Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72780/000886247.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27/05/2016.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2000.

OLIVEIRA, Raquel de (1988). **Identidade do negro brasileiro**: implicação para educação de mulheres e homens negros e brancos. Conferência realizada no Seminário de Educação: O negro brasileiro – educação e cultura, realizado na PUC/RS.

PARREIRAS, Ângela Maria Ramos. **Construção da identidade étnico-racial: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2007.

SANTIAGO, Flavio. **"O meu cabelo é assim ... igualzinho o da bruxa, todo armado."** Hierarquização e racialização das crianças pequenininhas negras na educação infantil. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais na Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. **30 Anos de Literatura para Crianças e Jovens**: Algumas Leituras. São Paulo: Campinas, 1998.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele et al (Org.). **SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 13-30. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

SILVA JUNIOR, Hédio, et.al. **Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo, Instituto Avisa Lá, 2012.

SILVA, Paulo Vinicius B. Desigualdades raciais em livros didáticos e literatura infanto-juvenil. In COSTA, Hilton; _____. (org.). **Notas de história e cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa: Editora UEPG/UFPR, 2007.

SILVA, P. B. G.; MONTEIRO, H. M. Combate ao racismo e construção de identidades. In: ABRAMOWICZ, A.; MELLO, R. R. (orgs). **Educação: Pesquisa e Práticas**. Campinas: Papirus. 2000, p.85.

SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, F. H. N. & MORAES, T. M. R. (orgs.). **Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem**. Joinville, UNIVILLE, 1991.

SOUZA, Y. C. de. **Crianças negras**: deixei meu coração embaixo da carteira. Porto Alegre: Mediação, 2002.

VALENTIM, Rute Martins; BACKES José Licínio. **A Lei 10.639/03 e a Educação ÉtnicoCultural/Racial**: Reflexões Sobre Novos Sentidos Na Escola. 2006.

WARNER, Mariana. **Da Fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. Tradução de Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.